

V ENECULT

QUINTO ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA

V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura
27 a 29 de maio de 2009
Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil.

UM RECORTE CULTURAL DO NORDESTE: O CASO DA FESTA DO CARMO¹

Leonardo Assunção Bião Almeida²
Poliana Ribeiro Alves³
Mirela Souto Alves⁴
Ana Luisa de Castro Coimbra⁵
Karen Vieira Ramos⁶

Resumo: É objetivo deste trabalho realizar uma breve abordagem da diversidade do Nordeste, passando pela história, valores e tradições do seu povo. Também, problematizar a região nordestina enquanto espaço construído na idéia sedimentada na miserabilidade, mostrando que a religiosidade, sobretudo as manifestações religiosas, são elementos que contribuem para a desconstrução desse “retrato negativo” da região. Nesse aspecto, a manifestação religiosa intitulada como Festa do Carmo, realizada em Belmonte-BA, todos os anos em Julho, surge como um possível estudo a partir de conceitos da Teoria da folkcomunicação. Este trabalho traz uma descrição sobre a Festa e possíveis mudanças que afetaram a mesma a partir da influência e/ou estratégias dos meios comunicacionais.

Palavras-chave: Nordeste, Manifestações religiosas, Festa do Carmo

1. INTRODUÇÃO

Quando se fala em Nordeste é comum lembrar de uma imagem pré-concebida do nordestino, à qual a produção cultural brasileira e os habitantes de outras locais avaliam como “inferiores”, discriminados e marginalizados, região marcada pela seca e pelo sofrimento do seu povo. Rachel de Queiróz, citada por Albuquerque (2001) sustenta que a imagem do Nordeste miserável é sempre transmitida pela mídia, e isso seria um equívoco, uma vez que ela esquece, ou melhor, opta por não mostrar, as riquezas e

¹ Trabalho apresentado ao V Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura - V ENECULT

² Graduando do sétimo semestre do curso de Comunicação Social – Rádio e TV da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. (leonardobiao@gmail.com)

³ Graduanda do sétimo semestre do curso de Comunicação Social – Rádio e TV da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. (mirelasouto@yahoo.com.br)

⁴ Graduanda do sétimo semestre do curso de Comunicação Social – Rádio e TV da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. (polianaba@gmail.com)

⁵ Graduanda do sétimo semestre do curso de Comunicação Social – Rádio e TV da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. (luisacoimbra@hotmail.com)

⁶ Orientadora do trabalho. Professora Mestre do curso de Comunicação Social da UESC - Universidade Estadual de Santa Cruz. (ramos.karen@gmail.com)

raízes dessa região. “A mídia tem o olho torto quando se trata de mostrar o ‘Nordeste’, pois eles só querem miséria”, diz ela.

Albuquerque Júnior vai mais além e sustenta a idéia de que não só populações de estados diferentes julgam os nordestinos dessa maneira, como os próprios se estimam como as vítimas ou os “coitadinhos” da história, aqueles que aceitam o lugar de derrotados ou recebem facilmente a idéia de que são miseráveis. Essa visibilidade “negativa” se faz presente, de modo geral, nos produtos midiáticos da sociedade contemporânea, que se pautam nas relações de poder.

Tentar superar este discurso, estes estereótipos imagéticos e discursivos acerca do Nordeste, passa pela procura das relações de poder e de saber que produziram estas imagens e estes enunciados clichês, que inventaram este Nordeste e estes nordestinos. Pois tanto o discriminado como o discriminador são produtos de efeitos de verdade, emersos de uma luta e mostram os rastros dela (ALBUQUERQUE, 2001, p.21).

Mas o Nordeste não se reduz à imagem de marginalização da região e do seu povo. A riqueza cultural, histórica, turística e, principalmente religiosa, também caracterizam esse espaço de múltiplas tradições. É a propósito deste outro olhar sobre o Nordeste que este trabalho pretende discorrer, sobretudo a respeito da religiosidade. Alexandre Barbalho em seu artigo “Estado, mídia e identidade: políticas de cultura no Nordeste contemporâneo” vai mostrar justamente que é possível identificar outro discurso unificador do Nordeste que, baseado em figuras como o cangaceiro, o beato, o coronel, o crente...etc., estabelece uma relação que vai além da cordialidade adoçada pela economia do açúcar, na qual o cangaceiro e beato passam a ser elevados à categoria de heróis de um povo lutador - o povo nordestino - quando em locais de conflito.

A região Nordeste foi a primeira região a ser habitada pelos homens da pré-história e, em seguida, pelos índios. Foi nela que, no século XVI se deu o descobrimento do Brasil, onde portugueses chegaram numa expedição no dia 22 de Abril, liderada por Pedro Álvares Cabral, na atual cidade de Porto Seguro, no estado da Bahia. Este estado também é de extrema importância para a história do Nordeste, haja vista que Salvador foi a primeira sede do governo-geral do Brasil, pois estava estrategicamente localizada em um ponto médio do litoral. Tentar centralizar o poder para auxiliar as capitânicas, que estavam passando por um momento de crise foi o principal objetivo do governo-geral. Até os dias atuais a atividade açucareira é a principal atividade agrícola da região.

A formação do seu povo se deu com a participação de três etnias: o índio, o português e o africano, que se misturaram e deram origem à população do Nordeste. Diz-se assim, que essa região é marcada pela miscigenação das três raças, mas não de maneira uniforme. Em algumas regiões predominam os caboclos, como Ceará e Paraíba, em outras predominam o mulato, como na Bahia e Piauí. Quanto aos brancos, em torno de um quarto dos nordestinos tem ancestralidade predominantemente européia, sobretudo portuguesa.

Entre as décadas de 60 a 80, porém, muitos povos que viviam no Nordeste deixaram sua região em busca de uma vida melhor no Sul do país, especificamente São Paulo e Rio de Janeiro, por conta da desigualdade de renda, e ao problema da seca no sertão nordestino. Nesta época a oferta de empregos no Sudeste era de destaque, principalmente com a chegada do rádio como veículo de integração nacional. Assim o Nordeste foi durante muito tempo e, especialmente na segunda metade do [século XX](#), uma região de forte repulsão populacional. De acordo com Albuquerque Júnior,

A melhoria dos transportes e dos meios de comunicação como: correios, jornais de circulação nacional e, principalmente, a presença do rádio como agente de comunicação de massas desde a década de trinta, torna as notícias das oportunidades no Sul, constantemente propagandeadas por governos e instituições interessadas na atração desta mão-de-obra, um estímulo crescente para a migração. (...) As grandes cidades do Sul seriam enfim o lugar onde se gestaria a cultura nacional de há muito perseguida (ALBUQUERQUE, 2001, p.152).

Na sociedade atual os movimentos migratórios continuam intensos, mas eles não se dirigem mais somente ao Sudeste como acontecia nas décadas passadas, uma vez que hoje um Nordestino encontra muitas dificuldades ao se deslocar para o Sul, sejam elas relacionadas ao sofrimento do preconceito racial ou da conquista de emprego. Agora, os movimentos migratórios se concentram em direção às próprias metrópoles nacionais nordestinas como Recife, Fortaleza e Salvador.

É importante ressaltar que, além de pólos de atração de empregos, essas localidades são também pólos intensos de turismo. Não é raro notar o imenso litoral do Nordeste sendo transmitido por veículos midiáticos em propagandas, filmes, programas de TV ou novelas. Esse litoral com belas praias coloca o Nordeste entre as grandes rotas de turismo do mundo. Alexandre Barbalho acredita que a Bahia, por exemplo, seja reconhecida como um dos maiores pólos exportadores de cultura do país.

(...) a cultura e o turismo são ‘dois dos mais ativos setores do desenvolvimento econômico e social da Bahia, cujo desempenho tem apresentado excepcionais resultados para o Estado, em termos de imagem e geração de emprego e renda’” (BARBALHO,2004, p.160).

Dessa forma, entende-se que a cultura da região é um dos atrativos mais importantes para o turista, aquele que procura natureza preservada, cenários exóticos e diversificados, oportunidades de convívio com populações diferentes, novas experiências e emoções. Essas localidades nordestinas são apresentadas, portanto, como um produto no mercado do turismo globalizado. Fazer uma abordagem do aspecto cultural nordestino, bem como discorrer sobre o turismo, manifestações religiosas da região e sobre a Festa do Carmo - esta como exemplo de possível estudo baseado nas teorias da Folkcomunicação, sobretudo na área religiosa - é a proposta deste trabalho.

2. CULTURA NORDESTINA

Pensar o Nordeste em termos culturais é entender a região como espaço criativo de símbolos e rituais, tais como festas, músicas, e indumentárias. Um espaço definido, que demarca um mundo familiar, estruturado pela tradição com a qual a coletividade se identifica.

A riqueza cultural nordestina é, pois, bastante particular e típica, apesar de extremamente variada. Sua representação vai além das manifestações folclóricas e populares. O campo da literatura, por exemplo, contribuiu em muito para a cultura da região. Nomes como Clarice Lispector, Jorge Amado, José de Alencar, Rachel de Queiróz, Ariano Suassuna, dentre outros, sem dúvida, são de extrema importância para construção de um imaginário específico sobre a região Nordeste. São, pois, defensores da delimitação do espaço regional e de uma identidade nordestina.

Na dança, merecem evidência o maracatu, manifestação cultural da [música folclórica pernambucana afro-brasileira](#) praticado em diferentes cidades do nordeste; o frevo que é executado principalmente no carnaval de Pernambuco; o bumba-meu-boi, dança do [folclore](#) popular [brasileiro](#), com personagens humanos e animais fantásticos, que gira em torno da morte e ressurreição de um boi; o xaxado, muito praticada pelos [cangaceiros](#) pernambucanos, em comemoração as suas vitórias; o tambor de crioula, característico do Maranhão; diversas variantes do forró; etc.

Já na música, que é sempre acompanhadas de danças, muitos ritmos se destacam, como [coco](#), [martelo agalopado](#), [samba de roda](#), [baião](#), [xote](#), [forró](#), [Axé](#), dentre outros [ritmos](#). Um dos músicos que melhor representa o nordeste chama-se Luiz Gonzaga, o criador da “música nordestina”, notadamente o baião. Em suas canções ele retrata não só os problemas do Nordeste como a seca, mas também os fatores positivos daquela localidade.

Luiz Gonzaga assume a identidade de ‘voz do Nordeste’, que quer fazer sua realidade chegar ao Sul e ao governo. Sua música ‘quer tornar o Nordeste conhecido em todo o país’, chamando atenção para seus problemas, despertando o interesse por suas tradições e ‘cantando suas coisas positivas’ (ALBUQUERQUE, 2001, p.157).

Um dos assuntos que Luiz Gonzaga também retrata em suas músicas é a questão religiosa, que pode ser considerada como elemento de identidade regional. Ele desenvolve, como estratégia de afirmação do seu trabalho, uma forte ligação com a Igreja do Nordeste, já que era profundamente cristão.

O tema religioso também está presente nos trabalhos de Ariano Suassuna, pernambucano que é o responsável pela repercussão nordestina e nacional no campo do teatro, a partir da década de 50.

O cenário do seu Nordeste é sempre o sertão das caatingas, ou das pequenas cidades empoeiradas, onde a única construção de destaque é a Igreja e as únicas autoridades, o coronel, o padre, o delegado e o juiz. (ALBUQUERQUE, 2001, p.168).

É possível encontrar ainda temáticas religiosas nos cordéis, que é um tipo de poesia popular, originalmente oral, e depois impressa em folhetos rústicos ou outra qualidade de papel, expostos para venda, pendurados em cordas ou cordéis. No [Brasil](#), a literatura de cordel é produção típica do [Nordeste](#), sobretudo nos estados de [Pernambuco](#), da [Paraíba](#), do [Rio Grande do Norte](#) e do [Ceará](#).

Portanto o Nordeste é identificado como o local de origem da “verdadeira” cultura brasileira ou do tipo brasileiro por excelência. Cultura essa que é tão rica em sua diversidade quanto em interpretações acerca de sua existência como unidade. Em um país de tamanha extensão, a pluralidade está presente em muitos aspectos, sejam eles sociais, econômicos, políticos ou culturais. Nesse último, ela é ainda mais acentuada, pois, nossa bagagem vem de outras diferentes culturas, como a indígena, a

portuguesa, a negra e mais recentemente a americana. Pode-se dizer, então, com veemência, diante da riqueza e pluralidade cultural nordestina, que todos os elementos citados anteriormente, responsáveis por estereotipar a região, contribuem para atrair pessoas de outras localidades a conhecerem, vivenciarem ou se divertirem com as tradições deste lugar.

3. TURISMO RELIGIOSO

Outro fator de destaque para atração de povos de outras regiões é o turismo religioso – tema de relevância para este estudo - que vem crescendo cada vez mais no Nordeste e, a rigor, é considerado o segundo tipo de pacote mais comercializado pelas operadoras, perdendo apenas para pacotes de praia. Um dos motivos para a religião ser a principal razão da viagem de um turista se pauta na busca por uma religiosidade, que é uma questão cada vez mais presente no mundo moderno, haja vista que quanto mais as pessoas se sentem perdidas, mais elas se apegam à religião, logo numa fé (crença). Algumas cidades se destacam como pólo desse turismo religioso, a exemplo de Bom Jesus da Lapa, Juazeiro do Norte, Canindé, Salvador e tantas outras.

O conceito de turismo abrange uma variedade de ações que vão desde o descanso, passando pela vivência de novas experiências, conhecimentos, constituindo encontros místico-religiosos, até as atividades inerentes aos homens que procuram novas formas de expansão para o mercado capitalista.

José Vicente de Andrade (2000, p.77) tem o turismo religioso como “o conjunto de atividades com utilização parcial ou total de equipamentos e a realização de visita a lugares ou regiões que despertam sentimentos místicos e/ou suscitam a fé, a esperança e a caridade nos fiéis de qualquer tipo ou em pessoas vinculadas à religião”.

Na acepção formal, turismo religioso é entendido como uma organização que movimenta vários peregrinos em viagens pelo mistério da fé e da devoção. José Vicente de Andrade conceitua o turismo religioso como

O conjunto de atividades com utilização parcial ou total de equipamentos e a realização de visita a lugares ou regiões que despertam sentimentos místicos e/ou suscitam a fé, a esperança e a caridade nos fiéis de qualquer tipo ou em pessoas vinculadas à religião (ANDRADE, 2000, p.77).

A expressão concreta da religiosidade do povo brasileiro são os santuários. Eles funcionam como centros de devoção e de romarias, verdadeiros espaços de

manifestação coletiva da religião popular. As romarias aos santuários no Brasil e no Nordeste constituem movimento do próprio povo, consagrados pelos documentos oficiais da Igreja, vinculadas às paróquias, associações religiosas, pastorais, etc.

O turismo religioso teve início, então, com as peregrinações populares, que são compostas, na maioria das vezes, pela população carente, a qual não possui condição de ter acesso aos meios comunicacionais, mas ainda assim conseguem manter um “vínculo” com Deus e com o mundo espiritual através dos santos e da sua fé no místico e no divino. Isso explica a existência de um turismo religioso popular que estabelece relações no campo do lazer com a religiosidade e conecta-se com as práticas culturais e com o entretenimento, que são essenciais para a sociabilização.

Diversas formas de lazer são propiciadas pelo turismo religioso, através das festas, procissões, novenas, romarias que agregam o universo das culturas populares caracterizando sua ligação com o folclore e vinculado às tradições nordestinas urbanas e rurais. No Nordeste, um número variado dessas festas acontecem durante o ano, e nelas estão presentes diversos elementos da cultura nordestina como cânticos, danças, comidas, etc. Nesse ambiente é possível encontrar os múltiplos cenários que integram as redes de comunicação popular e folclórica no contexto do turismo religioso popular, através de cenas, imagens e performances que o caracterizam as ocorrências de romarias àquele santuário como eventos folkcomunicacionais (estudo da comunicação nas manifestações folclóricas iniciado por Luiz Beltrão, e como os meios de comunicação se apropriam dessas manifestações). Assim, não resta dúvida de que, quando se estuda a cultura do Nordeste de uma forma geral, as manifestações culturais, como as festas religiosas, merecem destaque.

4. MANIFESTAÇÕES RELIGIOSAS

Por meio de suas festas tradicionais, as comunidades estreitam seus laços e mantêm sua identidade como grupo, celebrando também sua vida cotidiana. Desde os tempos remotos, o homem primitivo já possuía uma relação de fé com o divino, ele pedia aos deuses proteção e colheitas fartas, muitas vezes usando comida, bebida, música e dança como oferendas. Com o cristianismo, a Igreja Católica transformou alguns desses rituais pagãos em homenagens aos santos, conferindo a eles um caráter sagrado de acordo com os princípios cristãos. Assim surgiram as manifestações ou festas religiosas, rituais de explicitação das relações entre os grupos sociais. Na

realidade, a primeira forma de expressão dos grupos populares não foi a escrita, e sim o domínio da dança, de cânticos rimados para facilitar a memorização, as lendas, ditados, culinária. É dessa forma que o povo escreve suas memórias, seus valores, seus códigos de regras, suas crenças, suas angústias pelo árduo trabalho, suas esperanças e fantasias e de igual modo se manifestam.

Assim, para o Professor Jadir de Moraes Pessoa, autor do livro “Saberes em Festa: gestos de ensinar e aprender na cultura popular”,

a festa visa marcar em cada membro do grupo social os seus valores, as suas normas, as suas tradições; ao mesmo tempo em que se transforma sempre num grande balcão, numa grande demonstração das inovações, das mudanças, das novas descobertas, das novas concepções e, porque não dizer, da fecundidade das transgressões (PESSOA, 2005, p.39).

A história das festas religiosas tem início com a chegada dos Jesuítas no Brasil, que marca o começo da evangelização no Nordeste. Este grupo traz a representação da figura histórica do Padre José de Anchieta na evangelização dos primeiros habitantes, os índios. Com a mistura de povos começam as manifestações religiosas de cada raça: o índio com adoração ao deus Sol, à Lua, à Terra ao deus Trovão e a todos os seres da Natureza; os brancos com a realização de missa, sacerdócio, apego à Bíblia, crucifixos e veneração aos santos e os negros com o culto aos orixás, tambores e vestimentas coloridas.

A maioria das festas populares tem, assim, origem ibérica, africana e indígena e segue as datas do calendário católico. São comuns nas festas populares baseadas no calendário religioso manifestações de sincretismo afro-cristão, que fundem os orixás do candomblé com os santos católicos.

No Ceará, a festa principal é a festa de Padre Cícero, que é idolatrado em todo o Nordeste, o padre milagreiro e reverenciado a cada dia com uma nova romaria. O fanatismo pelo santo construiu a cidade de Juazeiro. A segunda maior cidade do Estado virou manjedoura de missas, procissões, rezas, peregrinações e festas folclóricas em homenagem ao eterno "Padim Ciço", como os seguidores o chamam. Além dessa festa, há também a devoção a São Francisco das Chagas, na qual centenas de fiéis viajam em ônibus ou nos famosos “paus-de-arara” para pagar promessas e reverenciar o seu santo protetor.

No Rio Grande do Norte, Santa Luzia é a principal festa popular religiosa. Sua procissão reúne mais de 130 mil devotos. A cada ano, a participação de romeiros de municípios do Rio Grande do Norte e Estados vizinhos é aumentada, ou seja, cresce o turismo religioso.

No Piauí Santa Cruz dos Milagres é a cidade de terceiro destino de maior visitação religiosa do Nordeste. O santuário de Santa Cruz dos Milagres, a 181 km de Teresina, é o único do Estado reconhecido pelo Vaticano para peregrinações. Todos os anos milhares de fiéis vão à Santa Cruz dos Milagres para pagar promessas e pedir novas bênçãos. Ainda no Piauí há a Roda de São Gonçalo, que é dançada em todo o Estado e faz parte do novenário em homenagem ao santo violeiro, daí o seu caráter estritamente litúrgico-religioso. Duas fileiras de homens e mulheres se colocam em frente ao altar do santo. Movimentam-se em forma de círculo, em forma de "cruzeiro" (cruz), reverenciando o santo e beijando o altar. O canto vai acompanhado de rabeca, violão, pandeiro e, às vezes, zabumba.

Já a Festa do Divino é uma das manifestações religiosas mais ricas do Maranhão. As mais famosas são as que acontecem no eixo São Luís - Alcântara. Apesar das claras influências africanas, várias características se mantêm, como a representação do imperador que preside os rituais durante todo o tempo, a missa, a procissão e a partilha de alimentos. Outra manifestação importante do Maranhão é o terreiro, lugar onde são cultuados voduns e orixás, gentis e caboclos. Também são realizadas festas e rituais populares como a Festa do Espírito Santo, Queimação de Palhinhas do Presépio, Batismo.

Em Sergipe acontece a louvação a São Benedito e a Nossa Senhora do Rosário, ambos padroeiros dos negros no Brasil. Tocando quexerés (instrumentos de percussão) e tambores, as Taieiras (Grupo de forte característica religiosa), trajando blusa vermelha cortada por fitas e saia branca, seguem pelas ruas cantando cantigas religiosas. Este evento é definido como uma das mais claras demonstrações de sincretismo, com santos e rainhas, procissões e danças misturados num momento de celebração.

Na Bahia, a Lavagem (das escadarias da Igreja) do Bonfim, que acontece em janeiro, é a mais importante festa religiosa do estado. A Festa inicia-se com cortejo de baianas vestidas tipicamente que caminham desde a Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia até o alto do Bonfim, carregando água de cheiro e despejam seus vasos no adro da Igreja e sobre as cabeças dos fiéis.

Muitas manifestações religiosas são realizadas nos estados nordestinos, inclusive em cidades do interior e em municípios, mas, apesar de algumas festas compartilharem o mesmo tema, em cada lugar elas assumem características próprias, de acordo com a tradição regional. Outrossim, há que se pensar que as festas tradicionais da cultura popular também estão sendo afetadas pelas transformações da comunicação e pela reorganização do mercado.

4.1 A FESTA DO CARMO

A Festa do Carmo, realizada na cidade de Belmonte, próxima a Porto Seguro, no extremo Sul do litoral baiano é uma festa religiosa em homenagem à Nossa Senhora do Carmo, padroeira da cidade, também conhecida por Nossa Senhora do Monte Carmelo. Sua principal característica é carregar consigo o [escapulário](#), que representa e traz proteção. Foram os jesuítas que trouxeram a imagem desta santa em suas embarcações, data de 1708, juntamente com os colonos e o padre Josefá de Araújo Ferraz, para catequizar os índios *botocudos* que viviam em Belmonte, tímidos e ferozes descendentes das tribos *manhãs* e *camacãs*. Esses índios viviam na capitania de Porto-Seguro, e também participaram da construção da igreja onde é celebrada a Festa do Carmo, que foi concluída em 1769 com o nome de Igreja de Nossa Senhora do Carmo. A partir de então, deram início às primeiras missas que homenageiam esta santa, e foi no dia 16 de julho de 1769 que foi inaugurada a igreja. Desde essa data até os dias atuais são celebradas missas em homenagem à Nossa Senhora do Monte Carmelo que no passado eram feitas em latim pelo padre Alemão Maia.

A festa tem início todos os anos no dia 7 de Julho e prossegue até o dia 17. Entre esses dias, várias manifestações são desempenhadas repletas de cerimoniais folclóricos, com momentos de não só religiosidade, como também de entretenimento e rituais característicos da cultura local.

O que caracteriza a abertura da festa são as missas com as tradicionais novenas, que é o período em que a igreja fica totalmente lotada de fiéis, preenchida por romeiros que vêm de outros lugares e por pessoas que vivem na e próximo à cidade. Esse período (nove dias) é um período de oração de súplica ou de ação de graças mais intensa, mas também um período de esforços para uma vida cristã mais aprofundada e mais atenta às próprias carências e as do próximo.

Roberto Benjamin coloca que,

Os romeiros ao realizarem suas práticas religiosas utilizam em sua comunicação com o Divino, um viés da Folkcomunicação, que pode ser compreendida como a comunicação do povo que encontra no folclore uma maneira de expressar suas opiniões e de fazer parte da sociedade hegemônica (BENJAMIN,2000, p.16).

O autor continua registrando que é comum o uso dos instrumentos comunicação e religiosidade popular, tais como as preces silenciosas, as orações, as penitências, as devoções, as celebrações, a reconciliação com o santo e até a conversão do peregrino, podendo-se observar que para eles a visita ao santuário é um reconhecimento do poder divino, da busca da fé e dos meios de alimentá-la. Os estudos da folkcomunicação, tornam-se assim relevantes para a análise de uma manifestação religiosa como a Festa do Carmo.

Durante a semana da missa, a cada dia uma família pertencente à região de Belmonte é homenageada, com orações e votos de paz, glória e amor. No passado, só as famílias ricas, proprietárias das fazendas de cacau, eram homenageadas, hoje em dia, todos os grupos, independente da classe econômica ou social, fazem parte dos rituais da celebração, inclusive pessoas de outras localidades. Assim é possível notar que durante as novenas a religiosidade e a fé emanam por toda a igreja e contagia a todos que participam, rezam e agradecem pelas graças recebidas.

Quando todo o culto religioso chega ao fim, é o momento de realizar o show cultural. Este é marcado pela contra-dança na frente da Igreja. A contra-dança é um tipo de manifestação na qual homens também dançam com homens e metade deles vestidos de mulher, uma dança que não segue o modelo convencional. Essa dança surgiu com a colonização portuguesa no Brasil e era programada para divertir os grandes senhores. Ela se desenvolve em qualquer espaço, com os figurantes ao ritmo de música, passos e manejos típicos. Para Mauss (1974), as técnicas corporais são assim formas de expressão de cada grupo social específico, e a partir delas podemos tanto identificar um grupo ou diferenciá-lo.

Paralelo à contra-dança algumas bandas filarmônicas participam do espetáculo, com belas músicas orquestradas, sinfonia de suas valsas, peças e dobrados, emocionando a todos que assistem. Muitas pessoas observam atenciosas o show, que é sempre bem aplaudido no final.

Todo esse ritual de novenas e danças na Igreja é repetido durante todo o período da Festa do Carmo, mas no dia 16 de Julho é concretizada a famosa ‘Lavagem da escadaria’ da Igreja Nossa Senhora do Carmo. Esse é um ritual de purificação das escadas da Igreja, onde os degraus são lavados e perfumados por um grupo de pessoas – de todas as raças - ao som do Afoxé filhos de Gandhi, ritmado pelo agogô. Na época da colonização os negros não podiam se misturar com os brancos em manifestações como esta porque tinham crenças religiosas diferentes, mas com o tempo isso foi modificado.

Hoje em dia encontramos as crenças e as práticas do catolicismo popular, tanto em seu estado mais puro entre os devotos católicos, como mais ou menos misturados com traços de outras religiões de origem africana e ameríndia. (GASPAR, 2002, p.126).

Em seguida o grupo guia uma procissão que passa pelas ruas principais da cidade. Praticamente todo o bando segue descalço e vestido de roupa branca (simbolizando a paz), mas alguns utilizam vestimentas coloridas que representam alguns santos. Como acessórios eles usam colares de cor azul e branco, que são conhecidos como tradicionais “colares dos Filhos de Gandhi”, e oferecidos para os admiradores como forma de desejar-lhes paz. Outro ritual que o grupo realiza é jogar alfazema por todos os lugares que passam pela cidade, com a simbologia de purificar o ambiente.

Somado à tudo isso, a culinária não podia ficar de fora durante a tradicional Festa do Carmo. Os turistas também possuem a chance de conhecer as iguarias da Tia Pombinha em um toldo montado na praça que contém licores doces e outras guloseimas tão conhecidas na região.

A Festa do Carmo, enfim, utiliza elementos folclóricos variados da cultura popular e da cultural local que, de alguma maneira possibilitam fazer um recorte do Nordeste. É curioso perceber o quanto a temática religiosa está presente na cultura nordestina de uma maneira geral, seja nos cordéis, seja nas músicas, seja no artesanato, etc. e o quanto o processo de comunicação está presente nas festas populares, tornando-se, então, imprescindível o estudo da folkcomunicação como forma de analisar essas festividades de cunho religioso.

Torna-se interessante ressaltar, todavia, o quanto na sociedade contemporânea, não só a Festa do Carmo, mas muitas outras manifestações de cunho religioso vem perdendo seu caráter tradicional. Para Roque Laraia,

A luta pelo exercício do poder perpassa todas as instituições da sociedade e não seria diferente com a festa. Também não podemos pensar uma festa de 30 anos atrás sendo repetida hoje da mesma maneira. A história muda, as pessoas incorporam novas visões de mundo e, por isso, 'a cultura é dinâmica' (LARAIA, 1986, p. 98-99).

Para José Marques de Melo, o processo de comunicação presente nas festas dos dias atuais, também modificou, e muito, os rituais antigos da cultura local,

Esse perfil eminentemente comunicacional assumido hoje pelas festas populares alterou-lhes profundamente a fisionomia primitiva. As antigas tradições vão sendo substituídas por novos padrões de interação sociocultural. A mídia e as instituições comerciais transformam as festas em espetáculos coletivos, fruídos por usuários dispersos, muitas vezes convocados aleatoriamente, até mesmo fora dos calendários cívicos ou religiosos.

Sabe-se que hoje uma das grandes mudanças que ocorreu na Festa do Carmo diz respeito aos espetáculos culturais, que não mais realizam os mesmos rituais de há 10 anos atrás e a forma de divulgação da festa pela mídia, que hoje é baseada nas atrações musicais de Axé, Pagode e Arrocha.

Entender os motivos dessas mudanças, frente às transformações da comunicação e novas estratégias do mercado é uma das análises necessárias para dar continuidade a este trabalho, numa pesquisa futura.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Nordeste não pode ser pensado somente como o espaço marginalizado, onde a seca é seu maior problema e seu povo é sofrido, calejado. A riqueza cultural que essa região possui é extremamente vasta e portanto merece o seu devido destaque. A exuberância não está só nas belas praias, mas também nas músicas, nas danças, no artesanato, nos cordéis, na culinária, no sotaques, e, principalmente, na questão religiosa. A idéia deste trabalho foi justamente chamar a atenção para a manifestação religiosa popular, por esta ser considerada uma das revelações mais ricas da cultura nordestina, haja vista que nela estão presentes tantos outros elementos folclóricos construtores do imaginário do Nordeste.

É constante percebermos a questão religiosa imbricada em diversos elementos da cultura popular, até mesmo quando se transmite a imagem de um Nordeste miserável. Luiz Gonzaga, por exemplo, deixa claro isso em suas músicas, que revelam a realidade sofrida de um povo que vive na seca e ao mesmo tempo a proximidade com a religiosidade, o apego do homem com Deus.

Para deixar claro o quanto as manifestações religiosas são importantes para se pensar o Nordeste, não se pode esquecer o quanto as festividades místicas, como a Festa do Carmo, por exemplo, são grandes responsáveis pelo turismo Nordestino e o quanto este colabora para a imagem positiva da região. Há que se lembrar ainda, que no campo do turismo, o fator religioso é um dos mais marcantes. Junto com as belas praias, é o que propicia a atração de milhares de pessoas para conhecerem a cultura nordestina.

A Festa do Carmo é também responsável por um grande turismo na costa do descobrimento. Apesar de não possuir a mesma visibilidade que a cidade de Porto Seguro - tendo em vista que Belmonte foi alvo de grandes acontecimentos históricos - é uma cidade que atrai muitos turistas por conta de festividades tradicionais como a Festa do Carmo.

Mas, diante da grande transformação no campo midiático, a tradição da festa foi afetada, bem como a sua veiculação pelos meios comunicacionais. Hoje há uma preocupação muito maior da população em se divertir na festa, conforme as atrações oferecidas, do que resgatar a idéia central e cultural dos rituais da Festa do Carmo. Da mesma forma acontece com a divulgação pela mídia, que quase nada se propaga sobre os conceitos e tradições da festa, mas sim – e de uma forma bem mais intensa – sobre as atrações musicais da atualidade.

Ficam então os questionamentos: - qual a presença de signos que reforçam as identidades culturais regionais ou locais? - qual o motivo da perda do caráter tradicional da festa? - o que mudou? - como a festa era divulgada pela mídia há 10 anos atrás e como está sendo atualmente? - porque a mídia da sociedade contemporânea segue os moldes da sociedade do espetáculo para divulgação de uma manifestação popular tradicional como a Festa do Carmo?

É com base nesses questionamentos que se faz necessário dar continuidade a esse estudo, partindo de uma pesquisa de campo, pesquisa bibliográfica (com as temáticas de mídia e manifestações populares), e análise do discurso midiático, a partir de documentos e/ou registros da festa (cartazes, fotos, folders, jornais, etc.), bem como algumas entrevistas com moradores de Belmonte e turistas. É fundamental, ainda, persistir nos estudos da folkcomunicação, sobretudo a folkcomunicação religiosa e a folkmídia, para que se possa entender e analisar como a mídia recodifica a cultura popular, para então encontrar respostas visíveis às questões acima.

6. Referências

ALMEIDA, Sávio de.; CABRAL, Otávio; ARAÚJO, Zezito. **O negro e a construção do carnaval no nordeste** / (org.) Maceió: EDUFAL, 1996.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval MUNIZ. **A invenção do Nordeste e outras artes**. ed. Massangana. São Paulo: Cortez, 2001.

ANDRADE, José Vicente de. **Turismo: fundamentos e dimensões**. São Paulo: Ática, 2000.

BARBALHO, Alexandre. **Estado, mídia e identidade: políticas de cultura no Nordeste contemporâneo** – Revista ALCEU – v.4-n.8-p.165 a 167 – Jan/Jun.2004.

BENJAMIN, Roberto Emerson da Câmara. **Folkcomunicação no contexto da massa**. João Pessoa: Imprensa Universitária, 2000.

GASPAR, Eneida D. **Guia de Religiões Populares do Brasil**. Rio de Janeiro, Pallas, 2002.

LARAIA, Roque de B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

MAUSS, Marcel. **As técnicas corporais**. IN: Sociologia e Antropologia. São Paulo: EDUSP, 1974.

MELO, José Marques de. **Mídia e cultura popular: história, taxionomia e metodologia da folkcomunicação**.(org.) São Paulo: Paulus, 2008.

PESSOA, Jadir de M. **Saberes em festa: gestos de ensinar e aprender na cultura popular**. Goiânia: Editora da UCG/Kelps, 2005.

http://www.belmontenews.com/eventos_index.php?bn_id=16 acesso em 09/10/2008.